

OFICINAS DE MÚSICA COMO UM RECURSO DO PSICOPEDAGOGO PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM E SEM DEFICIÊNCIAS

MUSIC WORKSHOPS AS A RESOURCE OF PSYCHOPEDAGOGUE FOR THE DEVELOPMENT
OF LEARNING OF CHILDREN WITH AND WITHOUT DISABILITIES

SANTOS, Graziella Fernanda Souza Santos¹
PONCIANO, Vera Lúcia de Oliveira Ponciano²

Resumo

Por meio de uma revisão bibliográfica, o presente trabalho abordou as oficinas de música como um recurso lúdico do psicopedagogo, para o desenvolvimento da aprendizagem de crianças, em especial, daquelas com deficiência. Compreende-se que há benefícios da música para o processo de ensino aprendizagem. Para isso, buscou-se descrever como se dá a aprendizagem, interligando ao processo os benefícios das oficinas de música. Por fim, discutiu-se como as oficinas de músicas, como um recurso lúdico, podem contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem de crianças, com e sem deficiência. Conclui-se que as oficinas de música podem contribuir para o desenvolvimento biopsicossocial de um sujeito, principalmente daqueles com deficiências.

Palavras-chave: Psicopedagogia; Música; Oficinas; Crianças; Deficiência.

Abstract

Through a bibliographical review, the present work approached the music workshops as a playful resource of the psychopedagogue, for the development of the learning of children, especially those with disabilities. It is understood that there are benefits of music to the process of teaching learning. For this, we tried to describe how the learning takes place, interconnecting to the process the benefits of music workshops. Finally, it was discussed how music workshops, as a playful resource, can contribute to the development of learning of children, with and without disabilities. We conclude that music workshops can contribute to the biopsychosocial development of a subject, especially those with disabilities.

Keywords: Psychopedagogy; Music; Workshops; Children; Deficiency.

¹ Pós-graduanda do Curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade Santo Amaro. psico.graziella@gmail.com

² Doutora e mestre em Educação: Psicologia da educação pela PUC\SP. Coordenadora do curso de Psicopedagogia Universidade Santo Amaro, pospsicopedagogiaead@unisa.br.

Introdução

Através de uma revisão bibliográfica, o presente trabalho fez estudos sobre como o psicopedagogo lança mão da música como um recurso lúdico, para trabalhar o desenvolvimento da aprendizagem de crianças, principalmente daquelas com deficiência.

Segundo Rovani (2009), o psicopedagogo é aquele que irá contribuir com o processo do aprender. Dessa forma, cabe a esse profissional compreender os vários caminhos que contribuem para que aconteça a aprendizagem e um deles é a música. A música cria um ambiente emocional positivo. Ela afeta a mente, o corpo e as emoções. Segundo Silva (2005), seja qual for o contato da criança com a música, ouvindo, criando ou reproduzindo-a, esta forma de expressão contribui com a maturação dos vários processos ligados com a aprendizagem.

Assim, este trabalho possui como objetivo compreender como a música, como forma de expressão pode contribuir para o processo de aprendizagem, ao entender quais as capacidades necessárias para a aprendizagem são estimuladas pela música. Busca-se, também, perceber como as oficinas de música, enquanto recurso lúdico, podem favorecer o trabalho do psicopedagogo e analisar a contribuição deste recurso para o desenvolvimento das crianças com deficiência.

O trabalho divide-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo define-se “o que é a música”. Definir música é compreender este conceito abstrato de forma concreta, ao entender que música representa a organização de sons, e por meio dela, o sujeito expressa os seus pensamentos e sentimentos. Este capítulo será dividido em um subcapítulo, “os benefícios da música”, no qual será abordado o histórico da música, como recurso terapêutico para o corpo e para a mente humana.

No segundo capítulo, “a música como facilitador da aprendizagem”, realiza-se uma interligação entre o processo de aprendizagem e os benefícios da música para a aprendizagem. Para isso, primeiramente, deve-se compreender que a aprendizagem está diretamente interligada com os aspectos neurológicos e a música pode contribuir com a estimulação cerebral. Discute-se também neste capítulo a teoria do desenvolvimento da aprendizagem de Piaget, compreendendo que a música, por trazer a superestimulação e por ser altamente prazerosa, favorece o processo de assimilação, acomodação e equilíbrio no processo de

aprendizagem. Ainda neste capítulo se faz uma breve ligação entre a teoria do desenvolvimento infantil de Piaget e a colaboração da música para este desenvolvimento. Por fim, faz-se a correlação da música com o desenvolvimento psicomotor, que é essencial para o pleno desenvolvimento da aprendizagem.

O terceiro capítulo, “oficinas de música como recurso lúdico do psicopedagogo”, trata da função do psicopedagogo, como um agente que contribui para o desenvolvimento da aprendizagem. Para isso, este é dotado de recursos que facilitam este processo, e um desses recursos é a oficina de música. Entende-se, que este recurso, torna o ambiente escolar mais agradável, favorecendo para a expressão dos sentimentos e a socialização dos alunos, e, como consequente, favorece a aprendizagem destes.

O último capítulo, “as oficinas de músicas como recurso lúdico e terapêutico, no desenvolvimento da aprendizagem de crianças com deficiência”, será discutido o que é deficiência e como a música pode colaborar para o desenvolvimento de crianças com deficiências, entre as quais a cognitiva e a motora e outros transtornos, como o autismo e o TDAH.

1. O que é música

Desde as mais remotas eras, nas várias culturas e sociedades, a música está presente na vida de um sujeito. O som é a matéria prima da música e ele está em todos os lugares. O ser humano interage com a música e com os sons, até mesmo antes de nascer, ainda no útero de sua mãe (DINIZ & OLIVEIRA, 2006; ROVANI, 2009).

Ao longo da história, a música vem sendo utilizada pelos sujeitos de inúmeras formas, como para se expressar artisticamente, para se comunicar, para relaxar, como fonte de prazer e lazer, para a prevenção e reabilitação da saúde (DINIZ & OLIVEIRA, 2006; ROVANI, 2009).

Para Med (1996) a música é a arte³ de combinar os sons e, além de arte, é também uma ciência, já que envolve conhecimentos sistematizados. Percebe-se a música através dos sons que são captados pela audição. O som é propagado no ar em forma de ondas sonoras, que atingem a membrana do tímpano, fazendo-lhe vibrar na sequência as vibrações por meio dos impulsos nervosos,

³ É a revelação do belo (MED, 1996, p.9)

que, transmitidas ao cérebro, as identificam e as decodificam. De acordo com Nobre (2006, p.2), “Música: é a arte de combinar os sons simultânea e sucessivamente, com ordem, equilíbrio e proporção, dentro do tempo.”

De acordo com Paredes (2012), a música é uma linguagem universal. Através dela o ser humano se comunica e se expressa artisticamente. De acordo Stige (1998, citado por WAZLAWICK, CAMARGO e MAHEIRIE, 2007), pode-se comparar o estudo da música com o das palavras, já que ambas representam linguagens repletas de significados.

A partir da comparação entre música e a linguagem, busca-se compreender o que é linguagem. Ao estudar a teoria de Vigotski, quando aborda o pensamento e a linguagem (2000), Oliveira (2011) compreende que a linguagem ou comunicação, é uma construção social, representa a evolução humana. Ela é de suma importância, já que é por meio dela que um sujeito media a aprendizagem de um outro. A linguagem possibilita ao sujeito desenvolver e expressar o seu pensamento, favorecendo o desenvolvimento da cognição.

Ao estudar Vigotski, os autores Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007) explicam que a palavra possui estreita relação entre pensamento e os sentimentos. Assim, os mesmos autores compreendem a musicalização como um processo histórico que envolve sentidos e significados. Dessa forma, Lazzetta (2001) afirma que, para compreender a música, é necessário entender que esta é uma união dos contextos sociais, culturais, biológicos, físicos.

1.1 Os benefícios da música

Entende-se que a música é tão antiga quanto à humanidade e foi utilizada para combater as enfermidades e reinstalar o equilíbrio, a harmonia e o ritmo do corpo. Em escritos gregos, a música era utilizada na cura de ferimentos, doenças e pestes, e usada para curar distúrbios emocionais (LEINIG, 1977, citado por SILVA, 2005).

Qualquer que seja a forma da atividade musical, em todas as culturas e épocas, considera-se que a música detém um poder específico sobre a consciência e os sentimentos dos indivíduos e da coletividade. Esta forma de expressão é capaz de suscitar emoções profundas e até promover a cura: como no xamã africano, que reanimava o jovem debilitado tocando ao seu lado um

pequeno tambor, com um ritmo progressivamente idêntico ao do coração dele (GIAGNI, 2009).

Desde a segunda metade do século XX, a eficácia da música como instrumento terapêutico, vem sendo reconhecida cientificamente. Foi neste período que estudos utilizando a música no tratamento da depressão pós-guerra, foram realizados nos EUA (COSTA, 1989, citado por MARIANO & FIAMENGHI JR., 2011).

Foi neste período que se começou a entender a ação terapêutica da música no corpo e na mente humana, validando, o que muitos já haviam percebido: o poder da música no despertar das emoções, no relaxamento físico e mental. A partir do fim do século XX, há uma explosão de estudos científicos sobre os efeitos fisiológicos que a música produz no organismo humano, como alterações nas frequências cardíaca e respiratória, alteração na pressão arterial, relaxamento muscular, aceleração do metabolismo, redução da dor, entre outros efeitos (LEINIG, 1997, citado por ARAÚJO & SILVA, 2013). A música surge como uma estratégia dos terapeutas que visam permitir que os pacientes enfrentem a doença de forma mais positiva. A música vem para auxiliar na melhora da qualidade de vida dos enfermos (PETERSEN, 2012).

Segundo Alvin (1966, citado por WARD, 2007), através da música o sujeito é capaz de se comunicar, se integrar e auto identificar, ampliando os limites físicos ou mentais que possui. Diniz e Oliveira (2006), afirmam que a música por si só é transformadora, capaz de alterar os estados psíquicos e físicos do ser humano. Para Rovani (2009), a música estimula a cognição, a afetividade, o físico e social, ou seja, auxilia no desenvolvimento integral da pessoa. De acordo com Andrade (2012), as oficinas de música trazem para um indivíduo o desenvolvimento das relações afetivas, da socialização e da cognição, o que torna o aprendizado ainda mais fácil de ser absorvido.

Os amplos benefícios da música aos seres humanos foram percebidos devido à sua atuação nas áreas centrais do cérebro, que depois se espalharam por todo corpo, desde o concreto (corpo físico) ao abstrato (sentimentos), o que faz da música quando bem empregada, um instrumento que estabelece elo entre corpo, mente e alma, capaz de criar caminhos de expressão e compreensão de sentimentos (WARD, 2007, p.48)

2. A música como facilitador da aprendizagem

Para compreender como a música pode favorecer o processo de aprendizagem, primeiramente, deve-se compreender como ocorre este processo. Assim, de acordo com Fonseca (2014), a aprendizagem está diretamente interligada com os aspectos neuropsicopedagógicos, pois os estímulos do meio só são captados graças a inúmeras interligações neuronais. Dessa forma, para compreender o processo de aprendizagem, é necessário estudar as funções cognitivas, conativas e executivas.

A cognição ocorre quando os estímulos são captados do meio social, e é representada pela atenção, percepção, processamento de informações, concentração, memória de trabalho, planificação, execução e raciocínio. A função conativa envolve as questões afetivas do sujeito, ou seja, a motivação que ele estabelece para aprender. As funções executivas coordenam o funcionamento das funções cognitivas, por meio desta função é possível solucionar desafios, tomar decisões, organizar, planejar e executar objetivos, manter o foco, corrigir erros, etc. É possível considerar três dimensões fundamentais que compõem as funções executivas: memória de trabalho, controle inibitório e flexibilidade cognitiva, essas três funções, são habilidades conectadas (FONSECA, 2014; COSTA et al., 2016).

A música vem favorecer estas funções, já que, de acordo com Gainza (1988, citado por Siqueira, 2015), a música reforça áreas cerebrais ligadas à fala e linguagem, leitura, compreensão da leitura, matemática, resolução de problemas, organização cerebral, focalização, concentração e atenção. Muszkat, Correia e Campos (2000) e Cruz (2017) trazem em seus estudos que há comprovações científicas de que a música contribui para o desenvolvimento cerebral e neurológico ao ativar áreas específicas do cérebro. Mello (2012) afirma que o treino da música estimula a concentração e memória, o que contribui para a aprendizagem do aluno em diferentes conteúdos escolares.

De acordo com Rovani (2009), a música contribui para o desenvolvimento nos seguintes aspectos:

Esquema corporal, percepção auditiva, ritmo, percepção visual, orientação espacial, orientação temporal, lateralidade,

coordenação motora, socialização, integração, interação, expressão (esquema) corporal, memória, observação, atenção e concentração, fixação dos conteúdos trabalhados, emoção, afetividade, inteligência musical, espacial, pessoal, linguística; inteligência intrapessoal, linguística e cinestésica corporal. (...)Além de ainda favorecer a afetividade, a cognição, a psicomotricidade e a comunicação, fatores estes, que ajudam na alfabetização (RAVONI, 2009, p.14).

Ao estudar a teoria do desenvolvimento de Piaget (1974), Oliveira (2011) afirma que o aprender ocorre quando há a assimilação e a acomodação de uma nova informação. Embora processos concomitantes, um pequeno lapso temporal pode ser considerado, assim, primeiramente se dá a assimilação, na qual novas informações são captadas e chegam às estruturas cognitivas já existentes, e sequencialmente ocorre a acomodação, onde os novos dados captados produzem modificações no funcionamento cognitivo do sujeito. Quando ambos os processos se completam dá-se a Equilibração, ou seja, o sujeito consegue adaptar a sua forma de pensar para conseguir lidar com os novos “objetos” que surgem do meio social em que vive numa processo de reequilibração, pode-se assim dizer.

Strapazzon (2013) aponta que há o melhor desenvolvimento cognitivo quando o ambiente é rico em estimulação e; para Andrade (2012), as oficinas de músicas são ricas de estímulos, e quanto mais estímulo a criança receber, melhor será o desenvolvimento da sua aprendizagem. De acordo com Strapazzon (2013) a superestimulação produzida por meio da musicalização atinge o cérebro e o corpo como um todo. Tais estimulações geram melhor assimilação das informações.

As oficinas lúdicas de música, que trabalham a aprendizagem através dos jogos e brincadeiras, favorecem melhor assimilação e acomodação e, conseqüentemente, equilíbrio dos conteúdos ali aprendidos, pois estas oficinas oferecem um espaço dinâmico e prazeroso para o sujeito (REIS & OLIVEIRA, 2013).

Piaget (1971) desenvolveu uma teoria sobre as fases do desenvolvimento humano, já que percebeu que o processo de aquisição de conhecimento da criança evolui de forma gradativa. Assim, Piaget divide o desenvolvimento infantil

em quatro estágios sequenciais: o Sensório motor (do nascimento aos 2 anos); o Pré-operatório (2 aos 7 anos); o Operatório-concreto (8 aos 11 anos); e o Operatório-formal (acima de 12 anos). O avanço de um estágio para o outro está diretamente relacionado com a forma com a qual o sujeito organiza seus conhecimentos, visando a sua adaptação, ocorrendo assim mudanças cognitivas por meio dos processos de assimilação e acomodação (COLL E MARTI, 2004 citado por OLIVEIRA, 2011; LUIZ, et al., 2014).

De acordo com Luiz, et al. (2014), no estágio sensório-motor, a criança se baseia principalmente em percepções sensoriais e esquemas motores para a resolução de seus problemas. A etapa pré-operatória é caracterizada pelo aparecimento da linguagem oral e, a partir daí, a criança consegue formar esquemas simbólicos. O estágio pré-operatório é representado pelo pensamento lógico e objetivo, o sujeito consegue perceber que as ações podem ser reversíveis e flexíveis. Por fim, na etapa operatório-formal o pensamento se torna livre das limitações, a criança consegue trabalhar com o abstrato. Negrine (1994, citado por LUIZ et al., 2014) afirma que, a teoria piagetiana, estuda a importância dos jogos para o desenvolvimento cognitivo, classificando os jogos em três tipos: de exercício (sensório-motor), simbólico e de regras.

François Delalande (1995) é citado por Andrade (2012) e, de acordo com esse, as aulas de música favorecem a aprendizagem, já que por meio delas é possível trabalhar as três formas piagetianas do jogo infantil, (ao trabalhá-las deve-se respeitar a fase do desenvolvimento infantil em que esta criança se encontra). No jogo de exercício (sensório-motor), a música estimula os sentidos da audição, como também há o estímulo do corpo como um todo, por meio das danças e da instrumentalização. No jogo simbólico se trabalha as significações que a música traz ao sujeito por meio dela ele se expressa e estimula a sua imaginação. Já no jogo com regras, às regras são vinculadas por meio da organização e a estruturação da linguagem musical.

De acordo com Louro (2012), a música ainda contribui para o psicomotor, sendo uma das mais eficientes ferramentas para o desenvolvimento da psicomotricidade. Os princípios básicos da psicomotricidade estão implícitos em cada item da aprendizagem musical. Schrock (2010), em seus estudos, relata que a música causa a ativação de diversos circuitos neurais como nas regiões motoras. Segundo Moraes e Maluf (2015), há uma relação direta entre problemas

psicomotores e as dificuldades e transtornos da aprendizagem. De acordo com Caron (2010), toda criança só consegue estar preparada para a aprendizagem se está consciente do seu corpo, do lugar que este ocupa no espaço. Dessa forma, percebe-se que a música pode ser um aliado do psicopedagogo para uma atuação eficaz deste profissional no processo da psicomotricidade.

A música está diretamente ligada com o sensorial, principalmente com a sensação tátil e auditiva. Dessa forma, compreende-se que através da música, é possível a realização da intervenção psicomotora por meio da perspectiva da integração sensorial. De acordo com Paes (2001), a percepção sensorial favorece a percepção corporal e, por meio desta, o sujeito se compreende e compreende o mundo. A compreensão do esquema corporal servirá de base para o desenvolvimento cognitivo e para aprendizagem de conceitos importantes para uma boa alfabetização. De acordo com Bensi (s.d.), o processamento sensorial favorece a interação social, o desenvolvimento de habilidades motoras, da atenção e da concentração.

3. Oficinas de música como recurso lúdico do psicopedagogo

A psicopedagogia é uma ciência que busca o desenvolvimento da aprendizagem de um sujeito. O psicopedagogo deve compreender como se dá, epistemologicamente, a construção do conhecimento e deve buscar meios para facilitar este processo. Na maioria das vezes, a metodologia simplesmente expositiva é limitada e insuficiente. Assim, pensa-se na música como um recurso lúdico que facilita a aprendizagem, já que a música estimula e motiva, contribui com a aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, linguístico, psicomotor e sócio afetivo da criança, além de tornar a escola em um lugar mais receptivo (RAVONI, 2009; BARBOSA, 2010; FREITAS et al., 2015).

A atuação do psicopedagogo é dinâmica. Ele pode atuar em vários ambientes, sendo a clínica e as instituições escolares os mais comuns. Nestes ambientes, ele deverá ter uma escuta e um olhar clínico para que possa compreender as causas das dificuldades ali presentes. No ambiente clínico, ele atuará desenvolvendo e facilitando o aprendizado de um sujeito, orientando estudantes e seus familiares sobre os processos de aprendizagem e também realizará diagnósticos. Já na instituição escolar, ele orientará professores, e irá ajudá-los a reformular as estratégias para o desenvolvimento e a aquisição de

conhecimento, como também auxiliará os alunos para que aprendam novas estratégias, a fim de desenvolver a aprendizagem. O psicopedagogo também poderá criar projetos de intervenção junto à instituição, visando à melhoria de todos os presentes. Beyer (2003, citado por DELABETHA & COSTA, 2014; ROVANI, 2009)

Dessa forma, compreende-se que em qualquer ambiente que este profissional atue, ele deve investigar, diagnosticar e buscar soluções para os problemas relacionados com o aprender, a fim de criar intervenções psicopedagógicas para o pleno desenvolvimento da aprendizagem. Entende-se que este profissional deve compreender os vários caminhos que contribuem para que aconteça a aprendizagem, e um deles pode ser por meio das oficinas lúdicas de música (RAVONI, 2009; MELLO, 2012).

De acordo com Reis e Oliveira (2013), pode-se compreender “oficinas de música” como o processo individual ou em equipe que estimula a criatividade, por meio da manipulação de objetos sonoros. Nesse processo o sujeito é mediado por um “mentor”. Andrade (2012) relata que nas aulas de música, além de se ensinar os conceitos da musicalização, pode-se trabalhar também os conteúdos escolares das outras disciplinas. O processo de aprendizagem das demais matérias é facilitado ao se transformar o conteúdo em cantigas, por exemplo.

As oficinas lúdicas de música contribuem para o desenvolvimento do aluno e de suas potencialidades, já que favorece o desenvolvimento dos aspectos cognitivos do sujeito aprendiz. Através de atividades lúdicas envolvendo escutar, cantar e tocar, o sujeito compreende as propriedades do som e da música (timbre, altura, intensidade, duração, melodia, ritmo e harmonia), o que favorece ao sujeito a compreensão das dimensões de tempo, de espaço e de altura. Estas oficinas também estimulam a criatividade, promovem o afetivo ao favorecer a socialização e contribuem para o desenvolvimento motor dos sujeitos (CAMPOS, 1988; TORRES, 2001, citado por REIS & OLIVEIRA, 2013; STRAPAZZON, 2013).

As oficinas lúdicas são consideradas grupos operativos. Esta forma de grupo é um grande aliado para as intervenções psicopedagógicas. O grupo operativo foi idealizado por Pichon-Rivière, na década de 40 do século XX, e tem por objetivo trabalhar um conjunto de pessoas com características em comum. Em um grupo operativo, o psicopedagogo atuará como um mediador, trabalhando

as dificuldades deste grupo (LUCCHESI & BARROS, 2002). Nas escolas, o mediador pode trabalhar as oficinas de música de várias formas como, por exemplo, utilizando-se de jogos e brincadeiras de roda, de dinâmicas, e da confecção de instrumentos (ANDRADE, 2012).

As oficinas de música contribuem para a socialização. A criança que está inserida em um grupo cria a identidade e o pertencimento ao grupo, sente-se integrada e compreende a necessidade de cooperação. Além disso, ao estudar música em conjunto, aprende regras necessárias para a socialização, como por exemplo, esperar a sua vez para tocar o instrumento. As aulas de músicas podem contribuir com a melhora no comportamento de alunos agressivos ou apáticos, pois com a música podem tornar-se mais cooperativos (CIAMPA, 1998; RAVONI, 2009; ANDRADE, 2012).

De acordo com Rovani (2009), a música é extremamente prazerosa e é lúdica. Para Kolodzieiski (2010) e Freitas et al. (2015), o uso de jogos ou de atividades lúdicas contribui para o processo de ensino e aprendizagem, como também favorece o trabalho do psicopedagogo, já que por meio das oficinas de música, é possível compreender a dinâmica do aluno e suas dificuldades. É possível perceber a capacidade de memória e de percepção, como também é possível analisar aspectos da subjetividade. Por meio da música há como estimular e desenvolver as diversas capacidades do aprendente.

O lúdico organiza e foca a atenção do educando tornando as aulas mais divertidas, favorecendo a aquisição de conhecimentos (KOLODZIEISKI, 2010). Segundo Mussalam (2010), só por meio do lúdico, o aluno poderá promover a expressão da afetividade e o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, psicológicos e pedagógicos. De acordo com Rovani (2009), a música cria um ambiente emocional positivo, afeta a mente, o corpo e as emoções, diminuindo o estresse do aluno, já que traz um efeito calmante.

De acordo com Andrade (2012), a música é um recurso lúdico, pois a criança aprende brincando e, assim, o ambiente escolar se torna mais agradável, e estimula cada vez mais à vontade dos alunos de participarem da aula. Ao se aliar a música à educação, as aulas deixam de ser centralizadas e expositivas, e passam a estimular autonomia do aluno; este deixa de apenas reproduzir o conhecimento mecanicamente, tornando-se capaz de pensar, criar e fazer (KOLODZIEISKI, 2010; ANDRADE 2012).

Brèscia (2003, citado por Silva, s.d.), relata que a música contribui para deixar a escola mais receptiva, reduzindo a tensão e a evasão escolar. Afirma que se fossem desenvolvidos exercícios musicais com os alunos não só diminuiria as desistências, como também aumentaria a autoestima e a eficácia destes.

Andrade (2012), em seu estudo, relata que na educação infantil, crianças de 3 e 4 anos mal sabiam falar, mas aprendiam com facilidade a cantar. A música motiva o aprender e torna o ato de aprender mais agradável. O conteúdo que é introduzido de forma mais prazerosa é mais fácil de absorver e de ser lembrado.

Coll e Martí (2004, citados por Oliveira, 2011), apontam que o aprender ocorre quando o sujeito deposita ações efetivas ou mentais sobre o meio. Dessa forma, o processo de ensino eficiente deve proporcionar a interação prazerosa entre os alunos e os conteúdos. Para Rovani (2009), quando o conhecimento traz significados ao sujeito, o processo de aprendizagem é facilitado. Assim entende-se que as oficinas de música contribuem para este processo, já que elas trazem prazer ao sujeito ao estimular o emocional e afetivo.

4. As oficinas de músicas, como recurso lúdico no desenvolvimento da aprendizagem de crianças com deficiência

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo. 53, “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa (...)” (BRASIL, 2010, p.31). Sabe-se que é direito da criança e do adolescente uma educação humanizada. Dessa forma, o trabalho do psicopedagogo é de suma importância, pois este irá compreender o aluno em sua integralidade, ou seja, o seu biopsicossocial. Portanto, poderá criar as melhores e compatíveis estratégias para o seu aprendizado, principalmente para as crianças com necessidade específicas, já que a maioria das estratégias de ensino não consegue contemplar todos os alunos de forma eficaz.

A Cartilha do Censo (BRASIL, 2012), prevê que todo ser humano tem o direito de desfrutar de todas as condições necessárias para o desenvolvimento de seus talentos e aspirações, destacando o respeito e as prioridades para com a pessoa com deficiência. Acredita-se que a música pode ser um meio de expressão para a criança com deficiência. Este recurso lúdico pode ser utilizado pelo psicopedagogo a fim de alcançar o pleno desenvolvimento da aprendizagem deste público.

De acordo com os dados da Cartilha do Censo, a deficiência atinge as pessoas em qualquer idade. Algumas pessoas nascem com ela, outras a adquirem ao longo da vida. Aproximadamente 23,9% da população brasileira possui pelo menos uma deficiência, seja ela visual, auditiva, motora ou intelectual (BRASIL, 2012).

Ao longo da história, a pessoa com deficiência, foi acompanhada por estigmas, em uma realidade de lutas e perseguições. Antes de conquistar um pouco de respeito, os deficientes foram perseguidos, considerados como aberrações. Nas atrações populares de circos, não era raro o homicídio de recém-nascidos que apresentavam algum tipo de deficiência (SILVA, 1988, citado por LOURO, 2012). Só após a Primeira Guerra Mundial, com o enorme número de soldados mutilados, fomentou-se o desenvolvimento de especialidades clínicas e de instituições responsáveis pelo cuidado para com as pessoas com deficiência. Quando Franklin Roosevelt, paraplégico por poliomielite, foi eleito presidente dos Estados Unidos em 1932, diversas leis foram outorgadas favorecendo crianças com deficiências. Em 1946 a ONU procurou disseminar essas experiências em países menos desenvolvidos, dentre os quais o Brasil. No ano de 1981, esta mesma organização procurou conscientizar a população, discutir propostas eficazes para reabilitação, tratamento, educação e profissionalização das pessoas com deficiência. Nesse ano também foi estabelecido um novo conceito em relação à inclusão, nomeado de Paradigma de Suporte, na qual foi fundamentada a ideia de uma sociedade inclusiva e devidamente preparada para lidar com a diversidade. O Paradigma de Suporte sinaliza claramente a importância de se inserir as artes nas propostas inclusivas, uma vez que o acesso à cultura deve ser garantido a toda a população, sem exceções (LOURO, 2012).

De acordo com Paredes (2012), técnicas que envolvem a música auxiliam no desenvolvimento do ser humano, principalmente daqueles que apresentam deficiências ou problemas físicos, afetivos, mentais ou de integração social. Nestes casos a função educativa da música amplia-se para dar lugar à função terapêutica.

Segundo Silva (2005), a criança com deficiência possui um espaço limitado para se expressar, o que compromete sua autoestima e sua potencialidade de desenvolvimento. As oficinas de músicas quebram tal paradigma, propiciando a expressão e, como consequência, trazendo o desenvolvimento total deste público.

Silva (2005) e Andrade (2012) entendem que, seja qual for o contato da criança com a música, ouvindo, criando ou aprendendo, este recurso permite a expressão, alivia a tensão e facilita o desenvolvimento das potencialidades desta, o que favorece a sua autoestima e inclusão. Além disso, a música pode propiciar melhor elaboração das informações recebidas e fixação da memória.

Louro (2012) traz em sua obra as adaptações necessárias no ensino da música e nos instrumentos musicais que facilitam a aprendizagem da música pelas crianças com múltiplas deficiências (deficiência cognitiva, deficiência visual, deficiência física, até mesmo para com o deficiente auditivo), a mesma autora (2012), também ensina dinâmicas que possuem como protagonista a música, com o objetivo de estimular o cognitivo de crianças com deficiência.

A música pode ser um importante veículo para a estimulação de crianças com deficiência intelectual, já que ela auxilia no domínio da cognição, estimula o psicomotor, e, como consequência, desenvolve a estimulação neural, que favorece a abertura para novas aprendizagens (BENENZON, 2004, citado por PAREDES, 2012).

Louro (2012) relata que a música pode favorecer também o sujeito com deficiência física, já que essa prática está diretamente ligada com o desenvolvimento da psicomotricidade, ou seja, a aprendizagem da música pode ajudar na reabilitação corporal. A estimulação ocorre por meio do exercício com os instrumentos musicais e pela movimentação corporal (danças), como também, de acordo com Rocha e Boggio (2013), a música, por si só, é capaz de gerar interações auditivo-motoras no cérebro de quem executa e, também, no de quem ouve. De acordo com Louro (2012), estas estimulações acontecem porque a musicalização favorece a plasticidade cerebral. Assim, a música ajuda na estimulação do cérebro para que ocorra o surgimento de novas sinapses, e, dessa forma, o cérebro da pessoa com deficiência pode se reabilitar e se desenvolver. “A música tanto afeta o cérebro como é afetada por ele” (SANTOS, 2015, p. 3)

De acordo com Gainza (1988, citado por Siqueira, 2015), a música contribui com as relações humanas das crianças autistas, já que ela favorece o estabelecimento das boas relações humanas. Por meio dela a criança se expressa e interage com os outros, ampliando o conhecimento de mundo deste. As técnicas e os elementos estruturais da música auxiliam a psicopedagogia a

trabalhar com crianças com autismo. Esta técnica proporciona a comunicação, a interação social, o contato visual e tátil, a diminuição de estereotípias e a diminuição de hiperatividade, o que facilitará o ensino e a aprendizagem de autistas. A música é uma das mais importantes formas de expressão humana, incentiva a criatividade, a expressão, a imaginação, a sensibilidade, o afetivo e permite o autoconhecimento. Esta forma de expressão artística pode conduzir consistentemente sentimentos, até mesmo em pessoas com as habilidades sociais severamente comprometidas, pois colabora para a aproximação e comunicação com o outro (RAVONI, 2009; SCHROCK, 2010; ANDRADE 2012; PAREDES, 2012; FREITAS et al. 2015; GODOY,2016).

A musicalização também contribui para a estimulação sensório-motora dos sujeitos autistas. Estes apresentam disfunções sensoriais, principalmente auditivas (BENSI, s.d.). Andrade (2012), em seu estudo, identificou que a intervenção psicomotora, na perspectiva da estimulação sensorial, pode interferir positivamente no comportamento de indivíduos autistas. De acordo com BENSI (s.d.) o processamento sensorial favorece a interação social, o desenvolvimento de habilidades motoras, a atenção e concentração.

De acordo com Gainza (1988, citado por Siqueira, 2015), já para as crianças com TDAH, a música contribui para a atenção, memória e concentração. Paiva et.al. (2011), utilizando a música como um recurso lúdico. realizaram uma pesquisa com crianças com TDAH e hiperatividade e ao fim do estudo perceberam o desenvolvimento das habilidades cognitivas dos participantes.

Percebe-se que as oficinas de música são um recurso que vem a somar no trabalho com crianças com deficiência. Este recurso favorece a estimulação total da criança, desenvolve suas funções cognitivas, afetivas e sociais, contribuindo para sua autoestima e melhor adaptação.

Considerações finais

Este trabalho visou compreender como as oficinas de música podem ser um recurso para o trabalho do psicopedagogo, já que estas oficinas favorecem o processo da aprendizagem, inclusive do público com deficiência.

Entende-se que, seja qual for o contato com a música: ouvir, cantar, dançar ou tocar instrumentos, esta prática proporciona aos sujeitos um espaço para expressão de seus pensamentos e sentimentos, o que contribui para o despertar

da consciência perceptiva e emocional. As oficinas de música tornam o ambiente escolar mais agradável, o que favorece os esquemas afetivos e sociais dos alunos e conseqüentemente há a melhora do desenvolvimento da aprendizagem.

A música, por ser rica em estímulos, favorece a desenvolvimento das funções cerebrais. Ela contribui com estimulação neurológica e psicomotora. Muitas das áreas cerebrais estimuladas pela música estão interligadas com o processo da aprendizagem, dessa forma a música contribui para o desenvolvimento cognitivo.

As oficinas de música colaboram para o desenvolvimento de crianças com deficiências, pois favorece a plasticidade neural, assim como também contribui no desenvolvimento biopsicossocial destes sujeitos.

Por meio deste trabalho, percebeu-se que o psicopedagogo, como um profissional que contribui para o desenvolvimento da aprendizagem, deve utilizar de recursos que facilitam este processo, e um desses recursos são as oficinas de música. Dessa forma, compreende-se que a psicopedagogia pode lançar mão de mais um recurso lúdico, para o desenvolvimento de potencialidades de alunos, principalmente de alunos com deficiências.

Referências

ANDRADE, Annielly Silva. **A música como instrumento facilitador da aprendizagem na educação infantil**. Dissertação para graduação em Pedagogia da Universidade Estadual de Paraíba: Paraíba, 2012. Disponível em <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1327/1/PDF%20-%20Annielly%20da%20Silva%20Andrade.pdf>>. Acesso em: 02 Abr. 2018.

ANDRADE, Mariana Pereira. **Autismo e integração sensorial** - intervenção psicomotora como um instrumento facilitador no atendimento de crianças e adolescentes autistas. Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa: Viçosa, 2012. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/pgedufisica/files/2010/06/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Mariana-de-Andrade.pdf>>. Acesso em: 15 Abr. 2018.

ARAÚJO, Taise Carneiro; SILVA, Luísa Wilma Santana. Música: estratégia cuidativa para pacientes internados em unidade de terapia. **Revista On line Enferm.** UFPE: Recife, 2013.

BARBOSA, Maria Luiza Santos. **Psicopedagogia e música:** revisão bibliográfica. I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música XV. Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO: Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <<http://www4.unirio.br/simpom/textos/SIMPOM-Anais-2010MariaLuizaBarbosa.pdf>>. Acesso em: 02 Abr. 2018.

BENSI, Thamara. **Autismo:** uma perspectiva sensorial. In: O segredo do chá. Curso online. Disponível em: <<http://segredodocha.com/wp-content/uploads/2017/04/03-AUTISMO-UMA-PERSPECTIVA-SENSORIAL.pdf>> Acesso em: 20 Abr. 2018.

BRASIL. **Cartilha do Censo:** pessoas com deficiência. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR)/Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD). Brasília, 2012.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente:** lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. 9. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

CARON, Juliane. **Psicomotricidade:** um recurso envolvente na psicopedagogia para a aprendizagem, 2010. Disponível em <https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/208_1.pdf>. Acesso em: 15 Abr. 2018

CIAMPA, A. C., Identidade. In: Lane, S. **Psicologia social:** o homem em movimento. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989, pp. 58-75.

COSTA, Joana Simões de Melo, et al. **Funções executivas e desenvolvimento infantil:** habilidades necessárias para a autonomia. Organização Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância. 1. Ed., São Paulo, 2016. Disponível em <[http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/crianca_feliz/Treinamento Multiplicadores Coordenadores/Wp FuncoesExecutivas.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/crianca_feliz/Treinamento_Multiplicadores_Coordenadores/Wp_FuncoesExecutivas.pdf)>. Acesso em: 02 Abr. 2018.

CRUZ, Greco Lacerda. **Neurociência e música na educação**. Artigo: Pós-graduação em Neurociência Aplicada a Educação. Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU: São Paulo, 2017. Disponível em <<https://grecocruz.com.br/blog/wp-content/uploads/2017/07/Neurocie%CC%82ncia-e-Mu%CC%81sica-na-Educac%CC%A7a%CC%83o.pdf>>. Acesso em: 05 Abr. 2018.

DELABETHA, Andiará; COSTA, Gisele Maria Tonin. Psicopedagogia e suas áreas de atuação. **Revista de Educação do IDEAU**, Rio Grande do Sul, vol. 9, nº 20, 2014.

DINIZ, Elcio Levi Brandão; OLIVEIRA, Joannessa Nunes. **Música e saúde: o olhar da musicoterapia**. IV FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE Escola de Música e Belas Artes do Curitiba: Paraná, 2006. Disponível em <http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais4/elcio_diniz_joannessa_oliveira.pdf>. Acesso em: 02 Abr. 2018.

FONSECA, Vitor. Papel das funções cognitivas, conativas e executivas na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Revista psicopedagógica**, vol.31 nº.96. São Paulo, 2014.

FREITAS, et al. A contribuição da música na construção do conhecimento na educação infantil. **Revista Pedagogia em Ação**, v. 7, nº.1, 2015. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/11038/8838>>. Acesso em: 16 de Abr. 2018

GIAGNI, Ricardo. Cura pela melodia. **Revista Viver Mente e Cérebro**, 2009. Artigo Online Uol. Disponível em <http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/cura_pela_melodia.html>. Acesso em: 16 Abr. 2018.

GODOY, Hermínia; FAUSTINO, Rosely. A musicoterapia como instrumento na intervenção psicopedagógica com crianças portadoras de autismo. **Revista Unitalio em Pesquisa**. São Paulo, v.6, n.3, 2016.

IAZZETTA, Fernando. **O que é música (hoje)**. I Fórum Catarinense de Musicoterapia. Florianópolis, 2001. Disponível em

<<http://www2.eca.usp.br/prof/iazzetta/papers/forum2001.pdf>>. Acesso em: 15 Mar. 2018.

KOŁODZIEISKI, Josiane de Fátima. **Jogos e atividades lúdicas: uma contribuição no processo ensino-aprendizagem.** Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2010.

LOURO, Viviane. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência.** São Paulo: Editora Som, 2012.

LUCCHESI, Roselma; BARROS Sônia. Grupo operativo como estratégia pedagógica em um curso de graduação em enfermagem: um continente para as vivências dos alunos quartanistas. **Rev. Esc. Enferm. USP.** São Paulo, 2002.

LUIZ, Jessica Martins Marques, et al. As concepções de jogos para Piaget, Wallon E Vygotski. **Revista Digital**, nº 195. Buenos Aires, 2014. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd195/jogos-para-piaget-wallon-e-vygotski.htm>>.

Acesso em: 20 Mar. 2018

MARIANO, Fabiana Leite Rabello; FIAMENGHI Jr., Geraldo. Avós/cuidadoras e seus netos com deficiência: uma experiência em musicoterapia. **Rev.: Aletheia**, Canoas, nº.34:, 2011. Disponível em SCIELO (Scientific Electronic Library On line): <www.scielo.br>. Acesso em: 19 Mar. 2018.

MED, Bohumil. **Teoria da música.** 4ª ed. rer, e ampl. Brasília, DF: Musimed, 1996.

MELLO, Maria Inês de Souza Azevedo. **A música como instrumento de intervenção psicopedagógica.** Dissertação de Mestrado em Cognição e Linguagem. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro: Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<http://www.pgcl.uenf.br/2018/pdf/Maria%20In%C3%AAs%20de%20Souza%20Azevedo%20Mello.pdf>>. Acesso em: 19 Mar. 2018.

MORAES, Deisy Nara. Diagnóstico e avaliação psicopedagógica. **Rev. de Educação Ideau**, Rio Grande do Sul, v.5 - nº.10, 2010.

MORAES, Sonia; MALUF, Maria Fernanda de Matos. **Psicomotricidade no contexto da neuroaprendizagem: contribuições à ação psicopedagógica.** **Rev. Psicopedagogia**, São Paulo, vol.32 nº. 97, 2015.

MUSSALAM, Fernanda Limeira. **Projeto de trabalho: uma forma de atenção psicopedagógica em crianças com dificuldade de aprendizagem.** Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/i101328.pdf>. Acesso em: 02 Abr. 2018.

MUSZKAT, Mauro; CORREIA, Cleo; CAMPOS, Sandra. **Música e neurociências.** **Revista de Neurociências**, nº. 8, 2000. Disponível em <<https://www.meloteca.com/musicoterapia2014/musica-e-neurociencias.pdf>>.

Acesso em: 15 Mar. 2018.

NOBRE, Jorge. **Apostila de teoria musical.** Governo do Estado do Ceará: Ceará, 2006. Disponível em <<http://www2.secult.ce.gov.br/Recursos/PublicWebBanco/Partituraacervo/Apt000002.pdf>>. Acesso em: 15 Mar. 2018.

OLIVEIRA, Leonardo Pestillo. **Psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento.** Curso de Pós-Graduação Educação a Distância. Centro Universitário de Maringá: Paraná, 2011.

PAES, Shirley Medeiros Habib. **A importância da psicomotricidade no processo ensino-aprendizagem.** Monografia apresentada à Universidade Cândido Mendes: Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/7/SHIRLEY%20MEDEIROS%20HABIB%20PAES.pdf>>. Acesso em: 31 Mar. 2018.

PAIVA, Adriana Catarina de Carvalho, et al. **A música como recurso para a aprendizagem do aluno hiperativo: relato de uma experiência.** **Artigos Meloteca**, 2011. Disponível em <<https://www.meloteca.com/pdf/musicoterapia/a-musica-como-recurso-para-a-aprendizagem-do-aluno-hiperativo.pdf>>. Acesso em: 05 Mar. 2018.

PAREDES, Sonia Santos Gonçalves. **O papel da musicoterapia no desenvolvimento cognitivo nas crianças com perturbação do espectro do autismo**. Dissertação de mestrado. Em ciências da Educação. Escola Superior de Educação Almeida Garrett: Lisboa, 2012. Disponível em <<http://recil.grupolusofona.pt/dspace/bitstream/handle/10437/2824/O%20PAPEL%20DA%20MUSICOTERAPIA%20NO%20DESENVOLVIMENTO%20COGNITIVO%20NAS%20CRIAN%C3%87AS%20COM%20PERTURBA%C3%87%C3%83O%20DO%20ESPECTRO%20DO%20AUTISMO.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 02 Abr. 2018

PETERSEN, Elisabeth. Buscando novos sentidos à vida: musicoterapia em cuidados paliativos. **Rev. do Hospital Universitário Pedro Ernesto**, Rio de Janeiro, v. 11 n.2, 2012.

REIS, Leandro Augusto; OLIVEIRA, Francismara Neves. Oficina de música: a compreensão da música como jogo e o fazer musical criativo. **Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, Londrina, V 5 n° 1, 2013. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/scheme/article/view/3180/2491>>. Acesso em: 08 Abr. 2018.

ROCHA, Viviane Cristina; BOGGIO, Paulo Sergio. A Música por uma óptica neurocientífica. **Per. Musi**. Belo Horizonte, n°.27, 2013. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pm/n27/n27a12.pdf>>. Acesso em: 08 Abr. 2018.

ROVANI, Esmeralda. **A contribuição da música na psicopedagogia**. Dissertação apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia. Universidade Tuiuti do Paraná: Curitiba, 2009. Disponível em <<http://tcconline.utp.br/media/tcc/2015/06/A-CONTRIBUICAO-DA-MUSICA-NA-PSICOPEDAGOGIA.pdf>>. Acesso em: 12 Abr. 2018.

SANTOS, Laízi Silva. Música e neurociências inter-relação entre a música, emoção, cognição e aprendizagem. **Artigos Psicologia. PT**, 2015. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0853.pdf>>. Acesso em: 15 Mar. 2018

SCHROCK, Karen. Encantos da música. **Revista Viver Mente e Cérebro**. Reportagem Online Uol, 2010. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/encantos_da_musica.html>. Acesso em: 02 Abr. 2018.

SILVA, Fernanda Cristina. **A música como facilitadora da inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down**. Monografia: Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Médicas "Dr. José Antônio Garcia Coutinho", Universidade do Vale do Sapucaí: Pouso Alegre, 2005.

SILVA, Sheila Nunes. **Influência da música no processo ensino-aprendizagem em turmas de educação profissional na modalidade de jovens e adultos no Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas**, s.d. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc_ainfluencia.pdf>. Acesso em: 01 Abr. 2018.

SIQUEIRA, Danihelen Prince Dias. **Práticas psicopedagógicas na educação musical de alunos com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)**. Pará, 2015.

STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli. **A música no desenvolvimento da criança na educação infantil**. 2013. Disponível em: <http://belasartesjoinville.com.br/modulos/biblioteca/upload/A%20M_SICA%20N_O%20DESENVOLVIMENTO%20INFANTIL.pdf>. Acesso em: 02 Abr. 2018.

WARD, Luís Paulo Cury. **A música como ferramenta na psicoterapia**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Psicologia, Universidade do Vale do Sapucaí: Pouso Alegre, Minas Gerais, 2007.

WAZLAWICK, Patrícia; CAMARGO, Denise; MAHEIRIE, Kátia. Significados e sentidos da música: uma breve "composição" a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicol. estud. [online]**. vol.12, nº.1, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 05 Abr. 2018.